

Lenny Kravitz se prepara para show no Allianz Park

PÁGINA 3



'Nayola', animação que desconstói o colonialismo

PÁGINA 4



Maré promove o 3º Festival Comida de Favela

PÁGINA 8



2º CADERNO

Para celebrar os 20 anos de lançamento de um de seus álbuns mais impactantes, o U2 resgata dez faixas não aproveitadas em 'How To Dismantle An Atomic Bomb' que agora ganham vida própria num álbum independente



Divulgação

À sombra de um álbum genial

Por Affonso Nunes

Para comemorar os 20 anos de um de seus mais aclamados trabalhos em estúdio, o U2 prepara o lançamento do álbum "How To Re-Assemble An Atomic Bomb". O título é uma referência mais do que óbvia ao multipremiado "How To Dismantle An Atomic Bomb" e inclui músicas inéditas, recentemente redescobertas no arquivo da banda e disponíveis pela primeira vez como um álbum independente.

O novo (?) disco será lançado em 29 de novembro e a banda já antecipou três singles do trabalho que Bono, The Edge, Adam

Clayton e Larry Mullen Jr passaram a chamar de "álbum-sombra". São elas "Country Mile", "Picture Of You (X + W)" e "Happiness", disponibilizada nas plataformas de streaming na última sexta-feira.

As três faixas até agora conhecidas remontam a sonoridade crua do álbum original, o mais roqueiro e visceral do grupo, que arrebatou oito Grammys após seu lançamento.

Em entrevista exclusiva concedida ao jornalista Zane Lowe, The Edge falou so-

bre o lançamento. "As sessões de 'How To Dismantle An Atomic Bomb' foram um período criativo intenso para a banda, que explorou muitas ideias de músicas no estúdio", conta. "Nos inspiramos para revisitar nossas influências musicais mais antigas, e foi um tempo de introspecção profunda para Bono, que tentava processar - dismantelar - a morte de seu pai", explica The Edge.

O músico disse que para esta edição de aniversário de "How To Dismantle...", foi ao

Vasculhando seus arquivos, o U2 selecionou dez faixas não utilizadas em 'How to Dismantle An Atomic Bomb' e assim nasce 'How To Re-Assemble An Atomic Bomb'



Divulgação

seu arquivo procurar alguma joia não lançada. "Acertei em cheio. Escolhemos dez takes que realmente nos impactaram. Embora na época tenhamos deixado essas músicas de lado, com o benefício da retrospectiva, reconhecemos que nossos instintos iniciais estavam corretos e nós estávamos no caminho certo", completa o guitarrista.

"O que você encontra neste álbum-sombra é essa energia bruta da descoberta, o impacto visceral da música, uma narrativa sonora, um momento no tempo, a exploração e interação de quatro músicos tocando juntos em uma sala... isso é a essência do U2", destaca The Edge. **Continua na página seguinte**

CORREIO CULTURAL

Álbum original passou por remasterização



Reprodução

O streaming segue como ponta de lança do mercado

Relatório global situa Brasil como o 12º maior mercado de música

A arrecadação de direitos autorais musicais cresceu 7,6% no mundo em 2023, somando € 11,7 bilhões, ou quase R\$ 72 bilhões pelo câmbio atual. O dado está no Relatório de Arrecadação Global divulgado pela Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores.

O Brasil cresceu 23,5% na ar-

recadação musical em euros e se mantém na 12ª posição entre os principais mercados mundiais de música.

Globalmente, o digital continua a se consolidar como principal fonte de receitas da indústria musical, com um salto de 9,6% em um ano e € 4,53 bilhões (R\$ 27,82 bilhões) em arrecadação de direitos de execução pública.

Reação rápida

Depois de a plataforma Zapping anunciar “Chaves” em seu catálogo, o SBT contra-atacou e adicionou dez episódios dos seriados “Chaves” e “Chapolin Colorado” em sua própria plataforma, o +SBT. As duas atrações são sucesso no Brasil há décadas.

Zé do Caixão

Nesta quinta (31), Dia das Bruxas, o Canal Brasil vai exibir, a partir da meia-noite, uma maratona com oito longas de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, entre os quais o icônico “À Meia-Noite Levari Sua Alma”, que completa 60 anos.

Múltiplo Leminski

Depois de circular por várias cidades brasileiras, a exposição Múltiplo Leminski, que celebra os 80 anos de nascimento do poeta Paulo Leminski, chega à Galeria da Biblioteca Municipal Florbela Espanca, em Matosinhos (Portugal).

Ser Mulher

O Outubro Rosa está terminando, mas ainda tempo de visitar as exposições com temática feminina no Atelier 612 (Rua das Margaridas, 293 – Vila Valqueire), entre as quais a individual “Ser Mulher: Um Percurso de Papéis”, de Carla Carvalhosa.



Kevin Mazur/WireImage.com

“How To Re-Assemble An Atomic Bomb”

é uma coleção de músicas nunca antes ouvidas ou lançadas, como “Treason”, “Evidence Of Life”, “Country Mile” e “Happiness”, além de uma chamada “Luckiest Man In The World” - familiar aos fãs sob o título provisório “Mercy”, um demo inicial que vazou online há quase 20 anos - que agora recebe seu lançamento oficial.

Além dessas, o trabalho traz cinco faixas recém-remasterizadas – “Picture Of You (X+W)”, “I Don’t Wanna See You Smile”, “Are We Gonna Wait Forever?”, “Theme From The Batman” e “All Because Of You 2”.

Assim como vem ocorrendo na discografia da banda, “How To Dismantle An Atomic Bomb (Re-Assemble Edition)” – terá uma versão remasterizada lançada nas plataformas em 22 de novembro para comemorar o 20º aniversário deste álbum seminal.

The Edge destaca que esse processo de remasterização permitiu a ele e os demais integrantes da banda revisitar as sessões de gravação

U2 durante show na ponte de Brooklyn, em Nova York, durante a turnê ‘Vertigo’ (2005), dominada pelo repertório de ‘How to Dismantle an Atomic Bomb’

do início dos anos 2000, um período de intensa criatividade para o U2 no estúdio, assim como um momento de profunda reflexão pessoal e artística após a morte do pai de Bono. Esta edição especial de 20º aniversário incluirá a faixa-bônus “Fast Cars”.

Sucesso fulminante

“How To Dismantle An Atomic Bomb” é o 11º álbum de estúdio do U2. Lançado pela Island Records / Interscope em 22 de novembro de 2004, alcançou o número 1 em 34 países ao redor do mundo, incluindo Irlanda, Reino Unido e EUA. Descrito por Bono na época como “nosso primeiro álbum de rock”, o disco foi gravado no estúdio da banda, em Hanover Quay, Dublin, e no sul da França.

“How to Dismantle an Atomic Bomb” é um álbum que marca um momento interessante na discografia do U2, que buscava um retorno

às raízes mais rock’n’roll da banda, após algumas experimentações e guinadas pop em trabalhos anteriores como Atchung Baby” (1991), “Zooropa (1993) e “Pop” (1997).

E esta volta a raízes roqueiras entregou aos fãs um álbum repleto de riffs de guitarra marcantes, faixas energéticas e aquela politização das letras que moldaram a imagem da banda no cenário musical.

As 11 faixas incluíram os hits “Vertigo” e “Sometimes You Can’t Make It on Your Own”, ambas estrearam no primeiro lugar das paradas do Reino Unido e essa foi a primeira vez que um álbum do U2 produziu dois singles no topo das paradas. “How To Dismantle An Atomic Bomb” e seus singles ganharam um total de oito prêmios Grammy, varrendo todas as categorias em que a banda foi indicada, com “Vertigo” ganhando três prêmios em 2005, incluindo Melhor Canção de Rock. A banda foi a grande vencedora da noite, em 2006, levando para casa o prêmio de Álbum do Ano, Canção do Ano (“Sometimes You Can’t Make It On Your Own”), e Melhor Canção de Rock (“City of Blinding Lights”).

Antes de chegar ao Brasil, Lenny Kravitz lança clipe

Músico se apresenta no Allianz Park em menos de um mês

Um dos maiores nomes mais inventivos do rock das últimas décadas, Lenny Kravitz está fazendo as malas para se apresentar em 23 de novembro, no Allianz Park, em São Paulo. Enquanto o show não chega, os fãs do músico podem conferir o clipe da balada “Honey”, que acaba de chegar ao seu canal no YouTube.

A faixa é um dos destaques do décimo-segundo trabalho do artista, “Blue Electric Light”, lançado em maio e que será uma das bases da apresentação de Lenny no Brasil. Sua última aparição por aqui foi na edição 2019 do Lollapalooza Brasil.

Dirigido por Diana Kunst, o vídeo imagina, pelos olhos da pessoa amada, um vis-



Mark Seliger/Divulgação

‘Blue Electric Light’ é um dos mais elogiados álbuns da discografia de Lenny Kravitz

lumbre da vida com Kravitz em situações cotidianas.

Gravado em seu estúdio nas Bahamas,

“Blue Electric Light” mantém uma das características clássicas da discografia do artista: ele tocou e gravou quase todos os

instrumentos, contando com poucos colaboradores, como o guitarrista Craig Ross, que o acompanha há décadas.

Combinando a energia do rock com o groove da soul music e elementos psicodélicos, o novo disco é descrito como atemporal, explosivo e romântico ao longo de suas 12 faixas, que incluem os singles “TK421”, “Human” (sucesso nas rádios brasileiras) e “Paralyzed”. No início de junho, Lenny se apresentou na final da UEFA Champions League, em Wembley, em um show televisionado para mais de 200 países.

Com mais de 30 anos de carreira e 40 milhões de discos vendidos ao redor do mundo, Lenny Kravitz ganhou quatro prêmios Grammy consecutivos, além de estabelecer o recorde de mais vitórias na categoria Melhor Performance Vocal de Rock Masculino.

O artista vive este ano um ótimo momento na carreira: foi imortalizado com uma estrela na Calçada da Fama, em Hollywood, e recebeu um Global Impact Award da Recording Academy, que foi entregue pouco antes do Grammy deste ano. Kravitz também foi indicado ao Globo de Ouro de Melhor Trilha Sonora original com a música “Road to Freedom”, do longa-metragem Rustin (Netflix).

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Estreia iluminada

Com sua voz suave, a cantora, compositora e instrumentista paulista Ina Arruda faz sua estreia solo com o single duplo “Iluminados” e “Céu”, pelo selo Trama. A primeira é uma releitura em atmosfera R&B do sucesso de Ivan Lins e a segunda é de sua autoria, inspirada por um longo relacionamento que marcou um capítulo importante de sua vida. Ina já atuou como backing vocal nas bandas de Luísa Sonza, Thiaguinho, Marina Sena, Rico Dalasam, Wanessa Camargo e Rael em gravações de estúdio e apresentações ao vivo.

Divulgação



Divulgação



A vez da Isabella

Um dos bons nomes da nova geração do samba carioca, o cantor e compositor Leo Russo tem bastante a comemorar: 15 anos de carreira, álbum novo no forno, novo show e a gravidez da esposa, de nome “Isabella”, título do samba de parceria dele com Moacyr Luz, que acaba de chegar às plataformas. “Uma honra muito grande ter feito este samba com o grande Moacyr Luz. Na música brasileira, temos vários clássicos com nomes próprios ‘Luiza’, ‘Gabriela’, ‘Carolina’, ‘A Rita’. Juntei com o Moa fizemos a ‘Isabella’. É a minha primeira parceria com ele”, festeja.

James Minchin III/Divulgação



Emily em vocal solo

Vivendo nova fase em sua nova formação, a Linkin Park lança o single “Over Each Other”. A faixa destaca um vocal solo marcante e intenso de Emily Armstrong. A canção antecede o aguardado “From Zero”, que marca o retorno da banda e será lançado em 15 de novembro, mesmo dia da primeira apresentação do grupo em sua turnê brasileira, no Allianz Park, em São Paulo. “Essa música é especialmente importante para mim, porque é meu primeiro vocal solo no Linkin Park... Mal posso acreditar que estou dizendo isso!”, anima-se Emily (ex-Dead Sara).



'Nayola', que a Mostra de SP exhibe nesta terça-feira, na Cinemateca, festeja a coragem das mulheres numa viagem pela África

Animação decolonial

devolveu esse amor ao incluir versos do bardo breganejo Nilton César (“Receba as flores que lhe dou/ E em cada flor um beijo eu”) na trilha de “Passeio de Domingo”, cá exibido em 2010. Com a ausência da maior vitrine nacional de animações o primeiro longa-metragem autoral do diretor teve que buscar outras veredas para poder se expor a seus fãs do Brasil. A saída – de luxo – foi a 46ª edição da Mostra, em 2022. Dois anos depois, “Nayola” volta às telas de espê. Aplaudido ferozmente no Festival de Annecy, a Cannes da animação, o longa nasceu do texto teatral “Caixa Preta”, de José Eduardo Agualusa e Mia Couto. A partir da peça, o cineasta faz um balanço dos traumas bélicos de Angola, que fazia parte de sua vida a partir de fotografias de seu pai de farda. O filme segue três gerações de mulheres afetadas pela guerra civil: a avó Helena, a filha Nayola e a neta Yara. Um segredo doloroso, uma busca imprudente, uma música de combate, um amor suspenso e uma jornada de iniciação.

“O filme ‘Nayola’ não se foca tanto no período colonial, mas, antes, na guerra civil, que, claro, não pode ser vista isoladamente. Não da guerra colonial. Começam a aparecer mais

autores portugueses a fazerem filmes que se debruçam sobre alguns aspetos da guerra colonial, mas, julgo importante continuar a desenvolver a criação artística realizada a partir desta fase da história do nosso país. Fase que já começa a estar distante no tempo uma vez que a geração dos militares e civis portugueses que viveram esta guerra está a desaparecer e a geração seguinte poderá encontrar a distância necessária para uma visão mais clara do que de facto aconteceu”, disse Miguel Ribeiro ao Correio, à época de Annecy, lembrando que foram quase 1 milhão de portugueses a combater na guerra colonial. “É quase 10% da população portuguesa. Todos os portugueses têm familiares próximos que combateram nessa guerra. Comparando com a guerra do Vietnã, a percentagem de soldados americanos que participaram nessa guerra foi cerca de 1%, contudo, a quantidade de filmes realizados sobre este tema é enorme”.

Orçado em 3,5 milhões de euros, “Nayola” demorou cerca de nove anos a ser produzido. “O signo de feminino do filme já estava na peça do Mia Couto e do Eduardo Agualusa. Eles já tinham esse olhar que eu precisei dar continuidade e desenvolver a

partir de muita pesquisa, na qual destaco o livro da escritora angolana Margarida Paredes, ‘Combater duas vezes’. Lá estão entrevistas com mulheres angolanas que combateram na guerra de libertação e na guerra civil. Destaco ainda o livro de Svetlana Alexievich, ‘A Guerra Não Tem Rosto De Mulher’. São entrevistas a mulheres da extinta União Soviética que combateram na 2ª Grande Guerra mundial. São duas obras com relatos de delicada e profunda sensibilidade de mulheres que, por vezes, revelam questões simples, de ordem prática, como, por exemplo, as fardas não estarem desenhadas para o corpo feminino”, disse o cineasta, ao Correio, em sua primeira passagem pela Mostra. “Durante a realização de ‘Nayola’, estive sempre rodeado da assistente de realização Catarina Gil; da diretora de animação Johanna Bessiere, a criadora de cenários Gaelle; e de outros elementos da equipe que trouxeram também a sua visão feminina para o filme. Depois, na fase de gravação das vozes, em Luanda, trabalhei de perto com todas as atrizes e atores que trouxeram para o filme as suas histórias e as suas músicas. A atriz que dá voz à adolescente Yara é a rapper angolana Meduza, que descobri num vídeo do YouTube, a disputar um combate rap com um rapaz que tinha o dobro do seu tamanho, mas que nunca a conseguiu intimidar nem reduzir sua determinação e sua capacidade de improviso. Uma hora depois, o produtor que vive em Angola, Jorge António, já tinha conseguido falar com ela que aceitou o desafio de dar voz e vida à Yara. Estas e outras mulheres inspiraram-me e guiaram-me neste filme. Só tive de escutar, sentir e deixá-las habitar o filme”.

‘Nayola’, produção portuguesa sobre os traumas das guerras coloniais, traduz a pluralidade da Mostrinha, novo setor da maratona paulistana que aposta em vozes autorais animadas

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sempre atenta às experimentações animadas do Brasil e do exterior, buscando sobretudo as formas mais avessas aos ditames de Hollywood, a Mostra Internacional de São Paulo poucas vezes teve um coeficiente tão grande de narrativas em desenho, em stop-motion e em artes de computação gráfica quanto este ano em que abriu uma sessão nova, a Mostrinha, para formar a cinefilia do amanhã à luz de produções como ‘Arca de Noé’ e ‘Abá e Sua Banda’.

A curadoria dessa ala do festival paulistano inclui artesões oscarizados, como o japonês Hayao Miyazaki (no menu com “Ponyo – uma Amizade Que Veio Do Mar”) e o australiano Adam Elliot (na grade com “Memórias de um Caracol”), mas se abre ainda para experiência antropológicas de cunho poético.

É o caso de “Nayola, Em Busca Da Minha Ancestralidade”, do português José Miguel Ribeiro. Tem projeção dele nesta terça-feira, às 14h, na Cinemateca Brasileira (o QG da Mostrinha), e na quarta, no Circuito SPCine, às 17h.

Graças ao Anima Mundi (o maior evento animado da América Latina, suspenso desde 2019), “A Suspeita” (1999) fez de Miguel Ribeiro um queridinho dos brasileiros. Ele

ENTREVISTA / CHRIS ALCAZAR, CINEASTA E ROTEIRISTA

Divulgação



'Os silêncios, os nadas e as mentiras carregam grandes verdades'

Acervo pessoal



Em seu trabalho de estreia como diretora, Chris Alcazar lança um olhar empático sobre as profissionais do sexo no documentário 'Quando Vira a Esquina', que vai às entranhas da Vila Mimosa

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Apelidada de “Disneylândia da sacanagem”, a Vila Mimosa costuma ser descrita, sob crivos geográficos e sociológicos, como um complexo sexual de bordéis e bares abertos cerca de 24 horas. Sob o crivo poético da Chris Alcazar, no estonteante documentário “Quando Vira a Esquina”, a definição é menos cartesiana e mais empática.

Nesse filmaço, o que a gente vê é um lar. Um lar para o prazer (vez ou outra com um puxadinho para o amor, esse moleque atrevido, que chega sem ser chamado)... um lar para a sobrevivência... um lar para

o feminino.

Depois de arrebatar a competição do Festival do Rio, com sua montagem em cadência de trem-bala (assinada por Sérgio Marini, Marcela Amarante e Yan Motta), o longa-metragem encantou a Mostra de São Paulo, onde levou um cantinho da Praça Bandeira para telas paulistanas. Em seu processo dramático, Alcazar colhe vozes de profissionais do sexo que trabalham naquele espaço, em busca de relatos que exorcizem os ranços moralistas

em torno da prostituição.

Na entrevista a seguir, a diretora (uma estreante em longas com farta experiência como roteirista) fala sobre o que descobriu em sua imersão à VM.

De que maneira o seu olhar sobre o feminino – a sua vivência do feminino – se amplia e se transforma no contato com aquelas mulheres?

Chris Alcazar: Os temas te encontram. As escolhas dos temas de

filmes autorais dizem muito sobre o autor. Uma pulsão pessoal, algo ligado ao particular com vínculo no universal. Esse filme nasce da minha aproximação com o universo da prostituição por conta de alguns trabalhos que fiz como roteirista de ficção. Em 2016, fui contratada para escrever a série da Bruna Surfistinha, o projeto “Me Chama de Bruna”. Fiz parte da sala de roteiro da segunda temporada e fui a roteirista final da terceira temporada. Logo na sequência, fui contratada para escrever uma versão do longa sobre Gabriela Leite, baseado no livro dela: “Filha, Mãe, Avó e Puta”. Minha formação de documentarista me jogou para a pesquisa de campo e eu mergulhei fundo nesse universo. Fiz dezenas de entrevistas e acompanhei a rotina de algumas trabalhadoras sexuais. Mergulhei mais fundo: fui ao encontro nacional de prostitutas, no Maranhão, e ouvi trabalhadoras sexuais do Brasil inteiro. A prostituição faz parte do processo social do Brasil, e ela é diversa. Não é um bloco único, coeso. As mulheres são diversas, de dife-

rentes classes sociais, exercem essa atividade por motivos diferentes. Me reconheci em muitas histórias. Tomei o tema para mim, ou o contrário... o tema me tomou. Quando cheguei na Vila Mimosa, logo na minha primeira visita, ouvindo mais histórias aqui e ali, entendi que eu tinha um filme para fazer. Eu, uma mulher, diretora e roteirista, falaria sobre essas mulheres.

Qual é o maior desafio de tangenciar um universo como o da Vila Mimosa sem ficar presa à antropologia?

Minha busca e meu interesse como cineasta são por histórias que considero relevantes, que me comovem em algum ponto. E esse ponto sempre tem relação com “gente”. Gosto de gente. É inevitável esbarrar na antropologia aqui e ali, no meu trabalho. Esbarra-se nela nesse filme especificamente, em maior ou menor grau, dependendo de quem vê ou do nível de profundidade de revelações que esse mergulho cinematográfico na Vila Mimosa oferece ao espectador. Além dos dispositivos que determinei no roteiro pré-filmagem, a liberdade e o estado de “estar aberta a tudo” me guiaram na condução desse filme.

Mas de que forma a matriz antropológica, de que forma ela auxilia na criação de uma linguagem poética?

Num processo diferente do antropólogo que busca respostas ou imagina estar próximo do “real”, eu estava lá buscando o real também, mas com a consciência de que tudo é representação. E que a verdade às vezes está escondida, silenciosa, soterrada em mentiras e encenações. O filme “Quando Vira a Esquina” não dá respostas ao público. As informações são, por vezes, contraditórias. Outras vezes, a informação é a mesma – aí é tudo muito claro. Como no tema maternidade, falta de oportunidade e machismo, por exemplo. Entendi que os silêncios, os nadas e as mentiras carregam grandes verdades, basta estar mais atento. Aberto.

Divulgação



Documentário de ficção se entrelaçam em 'A Queda do Céu', de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha

A floresta reza

Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha refletem sobre a cosmologia ianomâmi com 'A Queda do Céu', destaque latino na Quinzena de Cannes e premiado no Festival do Rio

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Processo de imersão na floresta, no coração do Amazonas, "A Queda do Céu" fincou raízes na Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes, em sua primeira projeção mundial, em maio, e lá plantou sementes que, regadas a elogios da crítica internacional, hoje oxigenam o solo fértil da 48ª Mostra de São Paulo. Feito em esquema de colaboração com o povo indígena ia-

nomâmi, o transcendente experimento de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha foi agraciado há 15 dias com o troféu Redentor de Melhor Direção de Documentários no Festival do Rio 2024. Sua narrativa de tons ritualísticos segue o líder e xamã Davi Kopenawa enquanto ele batalha para devolver o equilíbrio à sua comunidade, entre rezas e aforismos filosóficos. Esta noite, plateias paulistanas vão conferir o fluxo de imagens colhidas por Gabriela e Eryk às 21h20, no Espaço Augusta 1. Tem uma projeção a mais amanhã, às

15h45, na Cinemateca Brasileira.

A exploração madeireira ilegal, a mineração de ouro e a mistura mortal de epidemias que as intrusões do garimpo e de outras práticas de depredação contra a selva são tematizados na plenária que Kopenawa cria numa forma de reza. A contundência de suas reflexões ampliou a adesão da Croisette à produção. O mesmo aconteceu no Rio, onde o longa ganhou ainda o prêmio de Melhor Som.

"Documentário e ficção se entrelaçam aqui numa mesma chave, numa encruzilhada, pois a linguagem dos Ianomâmi

não faz as distinções que fazemos. Ela entrelaça os saberes", disse Gabriela, uma atriz premiada que se aventurou a filmar o livro "A Queda do Céu", escrito por Kopenawa e Bruce Albert, após ser dragada pela leitura dele. Essa conversou com o Correio em Cannes. "Existe performatividade no Davi e no seu povo, que tem um compromisso com a beleza. Por isso o filme tem circularidade".

Seu companheiro, Eryk, foi premiado em Cannes em 2016 com a laurea Olho de Ouro pelo doc "Cinema Novo", no qual passava em revista a obra da geração responsável por modernizar o audiovisual no país – e da qual fazia parte seu pai, Glauber Rocha (1939-1981). O cineasta filmou "A Queda do Céu" com Gabriela contando com uma equipe enxuta, somando seis pessoas. O time chegou à fronteira com Roraima antes da pandemia. Registraram entre outras coisas a cerimônia do Reahu, uma espécie de despedida para a morte do sogro de Kopenawa.

"Esse projeto materializa o meu encontro de vida com a Gabi, ou seja, o teatro e o cinema. Só que materializa também o encontro do cinema da gente com o cinema sem câmera dos povos ianomâmis, que se faz de cantos e de danças", diz Eryk. "O grande problema do mundo hoje é que seguimos uma lógica grega, de base aristotélica, segundo a qual o homem está acima de tudo. A cosmologia dos ianomâmi não comporta hierarquias, nem separa natureza de cultura".

O QUE VER NESTA SEGUNDA NA MOSTRA DE SP

POR RODRIGO FONSECA

Divulgação



JULIE PERMANECE EM SILÊNCIO ("Julie Zwijgt"), de Leonardo van Diji (Bélgica): O Festival de Cannes vibrou com esta trama sobre responsabilidade em tempo de cultura do cancelamento. Julie é a principal jogadora de uma academia de tênis profissional. Quando seu dedicado treinador se torna alvo de uma investigação e é repentinamente suspenso de suas atividades, todos os atletas do clube são incentivados a testemunhar sobre o caso, mas Julie decide ficar em silêncio. Onde: Espaço Augusta 4, 13h30

MALÊS, de Antonio Pitanga (Brasil): Quase 45 anos depois de seu primeiro exercício como realizador, um dos atores essenciais do Cinema Novo volta à direção filmando um enredo de Manuela Dias, que recria a Bahia em meados de 1830. Na ocasião, uma rebelião começou a ser arquitetada por africanos muçulmanos, chamados de malês. Após o fracasso da revolta, os manifestantes foram duramente punidos e a repressão contra as populações pretas no Brasil aumentou. Onde: Reserva Cultural 1, 21h40
Vantoen Pereira Jr/Divulgação



Divulgação



A HERANÇA, de João Cândido Zacharias (Brasil): Nervosa incursão brasileira nas veredas do terror queer. É uma mistura de "O Estranho no Lago" (2013) com "O Inocentes" (1961). Seu protagonista, Thomas retorna ao Brasil após a morte de sua mãe e descobre ser o único herdeiro de uma avó que nunca chegou a conhecer. Curioso para se reconectar com a história da família, eles visitam a casa e Thomas é recebido por duas tias idosas que o tratam como um filho há muito perdido. Onde: Cinemateca Sala Grande Otelo, 14h

Eloiza Bortz/Divulgação



'Sangue' discute as relações de poder num contexto de apropriação de uma obra artística

Fábula ácida sobre o fazer artístico

Com texto e direção de Kiko Marques, espetáculo 'Sangue' propõe uma discussão sobre o poder e a dominação, a partir da história de dois atores

Até que ponto o poder e a dominação compõem a essência do ser humano e as relações sociais e de trabalho? O espetáculo "Sangue", escrito por Kiko Marques especialmente para os atores Carol Gonzalez, Leopoldo Pacheco, Marat Descartes e Rogério Brito, está em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ), como parte

das comemorações pelos seus 35 anos. Kiko Marques também assina a direção do espetáculo que já passou pelo CCBB SP, com grande sucesso de público e crítica, e ainda cumprirá temporadas no CCBB Belo Horizonte e CCBB Brasília.

A obra propõe uma discussão sobre o poder e a dominação, a partir da história de dois atores que, durante a montagem de um texto de um grande autor fran-

cês, já falecido, recebem a notícia da revogação de seus direitos autorais.

"A ideia foi criar um poema cênico, um mito sobre as inúmeras e insuspeitáveis formas de guerra e dominação do ser humano por outro ser humano; sobre a necessidade de possuir o outro, mas também sobre o verdadeiro pertencimento e a fraternidade que brota nos mais imprevisíveis campos", afirma o autor e diretor Kiko Marques.

"Sangue" surge a partir de um acontecimento similar ocorrido com parte da equipe da peça que, há alguns anos, teve um projeto artístico bloqueado por questões de direitos autorais. Kiko se inspirou no inconveniente da situação para falar so-

“A ideia foi criar um mito sobre as inúmeras e insuspeitáveis formas de guerra e dominação do ser humano por outro ser humano, sobre a necessidade de possuir o outro”

Kiko Marques

bre aspectos brutais da natureza humana. Como uma miniatura do mundo, os conflitos da peça espelham os conflitos que a própria sociedade atravessa.

"Falar sobre o poder e a dominação é revelar uma parte fundamental da essência das relações sociais humanas. No caso de 'Sangue', é tirar o véu com que se camuflam nas mais justificáveis intenções. É mostrar a verdadeira face da violência e da usurpação do outro", afirma.

Na trama, os franceses - detentores dos direitos da obra - montam uma armadilha para se apoderar do projeto dos artistas brasileiros, fazendo-os perder o domínio daquilo que eles próprios idealizaram. Assim, a peça também traz para o debate questões que envolvem a produção artística e os trabalhadores da cultura, mostrando um pouco dos bastidores, numa situação fictícia, mas que poderia muito bem ser verdade.

"Quis abrir a porta da nossa casa (os bastidores do teatro) ao olhar de quem não vive essa realidade, para que esse espectador pudesse conhecer, em parte, nossa 'aldeia' (como diria Tolstói); conhecer as pessoas envolvidas com o fazer teatral, seus anseios, suas paixões, e reconhecer-se nelas", completa Kiko.

O texto também discute o olhar eurocêntrico e a violência de gênero, que aparece desde o início do relacionamento amoroso entre o diretor francês e a atriz brasileira.

A equipe criativa conta ainda com André Cortez na criação do cenário, Marichilene Artisevskis nos figurinos, Gabriele Souza no desenho de luz e Marcelo Pellegrini na música original. Kiko Rieser assina a direção de produção.

SERVIÇO

SANGUE
Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
Até 10/11, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Saberes e sabores de empreendedores da Maré atraem visitantes de outras partes da cidade no 3º Festival de Comida de Favela

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Há uma visão contemporânea de se visitar favelas (termo correto consagrado no IBGE), como se fosse atração turística. Mas quando uma comunidade, por meio de seus movimentos populares, organizam um evento que desperta a nossa curiosidade com caravanas, saindo do metrô da Glória, vamos para lá conhecer as pessoas, seus negócios, comer da sua comida. E ter uma jornada ímpar. Toca piloto!

A Maré é um dos bairros mais populosos do Rio de Janeiro, num perímetro pequeno, de 4km², e com uma população expressiva do tamanho de um município, em quantidade, histórias, memórias populares brasileiras e diversidade. É através da experiência gastronômica que o Festival Comida de Favela, realizado pela Redes da Maré, procura fomentar a identidade, memória e cultura do conjunto de 15 favelas da Maré, o maior conjunto de comunidades da cidade, e lançar luz sobre o seu potencial econômico e empreendedor local.

Lá fomos nós, eu e meu amigo Ivan que não se furta a experimentar novas culinárias e achamos que não existe território melhor ou pior no mundo. A 3ª edição do evento promove um percurso gastronômico por 16 estabelecimentos que revelam histórias, sabores e saberes populares. Sobre os saberes, as tradições, os vínculos com as origens, com o

mar, com a população composta do imigrantes nordestinos.

Até o dia 9 de novembro, esses 16 estabelecimentos estarão compondo o circuito de experiências para o paladar do visitante que, além de experimentar os pratos correntes, aproveita para conhecer o território e as trajetórias de cada um dos empreendedores. É notória a disposição que o local tem para mostrar a força do empreendedorismo, as tradições familiares que são honradas com a escolha de cada prato e a determinação de dar mais um passo além na criação de oportunidades.

A Maré tem vocação ao ramo de comidas e bebidas, que representa cerca de 40% do comércio local, segundo dados do Censo Maré (2014), fatia que impulsiona também geração de empregos e

renda para o local. Sem falar na grande influência de uma parcela expressiva de imigrantes nordestinos (25,8%) e negros/pardos (62,1%), que se vê representada na escolha dos pratos.

Caravanas

O festival também organiza caravanas para acolher pessoas de diferentes espaços da cidade que, além da experiência gastronômica, podem acessar o estímulo a reflexões sobre o direito à livre circulação nos territórios, ao intercâmbio de experiências, e a possibilidade de evidenciar os tantos fazeres positivos que existem na favela.

As caravanas acontecem a pé e também de van. Ambos os percursos têm a liderança de um morador da Maré que apresenta o território e o Festival e passa

por cerca de cinco estabelecimentos que estão no circuito do festival. Os roteiros acontecem sempre aos sábados e domingos, com pontos de encontro pré-definidos. Para reservas e adesão à caravana, basta mandar um zap para (21) 97159-7725.

“Selecionamos 16 empreendimentos locais que receberam uma curadoria do festival, através do projeto Maré de Sabores, para desenvolver e fortalecer a rede de empreendimentos da Maré, e evidenciar suas histórias, saberes e sabores. O público ainda pode experimentar um roteiro Maré, e evidenciar gastronômico com pratos cheios de memória e cultura alimentar da Maré e ressignificar o território, suas histórias, saberes e sabores. O público ainda pode experimentar um roteiro de favela como experiências de afeto, prazer, sucesso e inovação, e não apenas de violência”, conta a coordenadora do Maré de Sabores, Mariana Aleixo, responsável pelo projeto.

SERVIÇO

FESTIVAL COMIDA DE FAVELA
Até 9/11, aos sábados e domingos
Agendamento: (21) 97159-7725
<https://www.redesdamare.org.br/br/info/83/comida-de-favela>

Os cozinheiros selecionados para o Festival Comida de Favela e suas criações

Eu só quero é ser feliz